

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

JOÃO PEDRO DE ABREU SOUSA

**ANÁLISE DOS INDICADORES DE RENTABILIDADE E RISCO DOS SEIS
CLUBES NORDESTINOS MAIS POPULARES NO BRASIL**

MONOGRAFIA

Rio de Janeiro

2020

JOÃO PEDRO DE ABREU SOUSA

**ANÁLISE DOS INDICADORES DE RENTABILIDADE E RISCO DOS SEIS
CLUBES NORDESTINOS MAIS POPULARES NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de Curso
requisitado como exigência obrigatória
para a obtenção de título de bacharel em
Ciências Contábeis da Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Raphael Moses Roquete

Rio de Janeiro

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, que me deu todo o apoio que um estudante necessita em sua trajetória.

Agradeço também aos professores e professoras que participaram do meu processo de graduação ao longo desses anos.

Agradeço ao Professor Raphael Moses por ter aceitado participar da orientação desta monografia e, também, pelos demais ensinamentos passados que tanto me ajudaram na faculdade.

Um agradecimento especial para toda a Universidade Federal do Rio de Janeiro pelos conhecimentos transmitidos, pelos valores passados e pela positiva e definitiva mudança realizada na minha vida como cidadão.

*“O começo de todas as ciências é o espanto de
as coisas serem o que são”*

Aristóteles

Resumo

O objetivo deste trabalho é observar e analisar os indicadores de rentabilidade e de risco dos seis clubes nordestinos com maiores torcidas, segundo pesquisa do Instituto Datafolha publicada em Setembro de 2019. Foram utilizadas determinadas técnicas de análise dos demonstrativos financeiros destes clubes. Com a intenção de atender o objetivo geral, foram apresentados objetivos específicos com o intuito de detalhar o estudo de caso referente a análise da situação financeira desses clubes através dos demonstrativos publicados pelos mesmos. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, visto que seu principal objetivo é detalhar e analisar as informações extraídas dos demonstrativos financeiro dos clubes.

Os resultados encontrados demonstraram que os clubes ainda têm um longo caminho pela frente no que diz respeito a gestão de suas finanças para que possam pensar em viver períodos de melhor saúde financeira. Foram obtidos resultados expressivamente desfavoráveis em determinados exercícios. Algumas situações de determinados clubes inspiram mais cuidados com suas gestões. Apesar dessa realidade, os resultados encontrados apontam para uma tendência de melhora nos indicadores com o passar dos anos. Os clubes analisados ainda se encontram muito longe de um cenário ideal, entretanto, espera-se que os exercícios seguintes possam confirmar o surgimento de uma realidade mais saudável e sustentável para esses clubes sob o ponto de vista econômico-financeiro.

Palavras chave: Demonstrações Financeiras. Clubes. Rentabilidade. Risco.

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Percentual de torcedores na Região Nordeste e Receita Líquida de 2017 a 2019 ... | 18 |
| Tabela 2: Margem Operacional | 20 |
| Tabela 3: Margem Líquida | 20 |
| Tabela 4: Giro do Ativo | 22 |
| Tabela 5: Retorno sobre o Ativo (ROA – Return on Assets) | 24 |
| Tabela 6: Retorno sobre o Capital Próprio (ROE – Return on Equity) | 25 |
| Tabela 7: Liquidez Corrente | 27 |
| Tabela 8: Liquidez Geral | 28 |
| Tabela 9: Liquidez Imediata | 30 |
| Tabela 10: Endividamento Geral | 31 |
| Tabela 11: Participação de Capitais de Terceiros | 32 |
| Tabela 12: Composição do Endividamento | 34 |

LISTA DE SIGLAS

BP – Balanço Patrimonial

CE – Composição do Endividamento

DFC – Demonstração dos Fluxos de Caixa

DRE – Demonstração do Resultado do Exercícios

DRA – Demonstração do Resultado Abrangente

DMPL – Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido

EG – Endividamento Geral

GA – Giro do Ativo

LC – Liquidez Corrente

LG – Liquidez Geral

MO – Margem Operacional

ML – Margem Líquida

NBC – Normas Brasileiras de Contabilidade

PCT – Participação de Capitais de Terceiros

PL – Patrimônio Líquido

ROA – Return on Assets (Retorno sobre Ativos)

ROE – Return on Equity (Retorno sobre o Capital Próprio)

LISTA DE ABREVIATURAS

et al – “e outros”

LISTA DE SÍMBOLOS

R\$ - reais

% - por cento

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 12 |
| 2.1 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS | 13 |
| 2.2 PROCESSOS DA ANÁLISE DE DEMONSTRATIVOS FINANCEIROS | 13 |
| 2.3 INDICADORES FINANCEIROS | 14 |
| 2.3.1 INDICADORES FINANCEIROS DE RENTABILIDADE | 14 |
| 2.3.1.1 MARGEM OPERACIONAL (MO)..... | 15 |
| 2.3.1.2 MARGEM LÍQUIDA (ML) | 15 |
| 2.3.1.3 GIRO DO ATIVO (GA)..... | 15 |
| 2.3.1.4 RETORNO SOBRE O ATIVO (ROA – RETURN ON ASSETS) | 15 |
| 2.3.1.5 RETORNO SOBRE O CAPITAL PRÓPRIO (ROE – RETURN ON EQUITY)..... | 16 |
| 2.3.2 INDICADORES FINANCEIROS DE RISCO..... | 16 |
| 2.3.2.1 INDICADORES DE LIQUIDEZ..... | 16 |
| 2.3.2.1.1 LIQUIDEZ CORRENTE (LC) | 16 |
| 2.3.2.1.2 LIQUIDEZ GERAL (LG)..... | 16 |
| 2.3.2.1.3 LIQUIDEZ IMEDIATA (LI)..... | 17 |
| 2.3.2.2 INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO | 17 |
| 2.3.2.2.1 ÍNDICE DE ENVIDIVAMENTO GERAL (EG)..... | 17 |
| 2.3.2.2.2 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS (PCT)..... | 17 |
| 2.3.2.2.3 COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO (CE) | 17 |
| 3. METODOLOGIA | 17 |
| 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA | 17 |
| 3.2 SELEÇÃO E ANÁLISE DA AMOSTRA | 18 |
| 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 19 |
| 4.1 RESULTADOS DOS INDICADORES DE RENTABILIDADE | 20 |
| 4.1.1 MARGEM OPERACIONAL E MARGEM LÍQUIDA..... | 20 |
| 4.1.2 GIRO DO ATIVO..... | 22 |
| 4.1.3 RETORNO SOBRE O ATIVO (ROA – RETURN ON ASSETS) | 24 |

| | |
|---|----|
| 4.1.4 RETORNO SOBRE O CAPITAL PRÓPRIO (ROE – RETURN ON EQUITY)..... | 25 |
| 4.2 RESULTADOS DOS INDICADORES DE RISCO..... | 27 |
| 4.2.1 RESULTADOS DOS INDICADORES DE LIQUIDEZ..... | 27 |
| 4.2.1.1. LIQUIDEZ CORRENTE..... | 27 |
| 4.2.1.2 LIQUIDEZ GERAL..... | 28 |
| 4.2.1.3 LIQUIDEZ IMEDIATA..... | 30 |
| 4.2.2 RESULTADOS DOS INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO..... | 31 |
| 4.2.2.1 ENDIVIDAMENTO GERAL..... | 31 |
| 4.2.2.2 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS..... | 32 |
| 4.2.2.3 COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO..... | 34 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 35 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 39 |

1. INTRODUÇÃO

Principal esporte do Brasil, o futebol vem passando por diversas transformações desde o início dos anos 2000. Os clubes de futebol hoje chegam ao ponto de movimentar milhões de reais em uma mesma temporada. Essa movimentação é responsável por gerar empregos em diversos setores envolvidos com a atividade do futebol.

Desta maneira, o futebol passou a ser tratado como um negócio para muitas pessoas. Cada vez mais empresas se interessam em anunciar suas marcas nos uniformes dos clubes, os direitos de transmissão das partidas são ferrenhamente disputados por emissoras de televisão e em meio a todo esse cenário, todo clube necessitará se adaptar e se atualizar para gerir de maneira eficiente as suas finanças com o intuito de se posicionar bem nesse novo mercado e continuar fazendo a atividade do futebol fluir de maneira sustentável.

Por conta desse novo cenário, foram criadas normas contábeis específicas para os esportes, com a intenção de regulamentar a publicação das informações contábeis. O Conselho Federal de Contabilidade, por meio da Resolução 1.005/04, aprovou a norma NBC T 10.13, que estabelece procedimentos específicos de registro e elaboração das demonstrações contábeis dos clubes de futebol e demais atividades desportivas profissionais. Esses procedimentos também se aplicam às federações, sindicatos, associações e outras entidades que de maneira direta ou indireta estejam ligadas a atividade esportiva profissional. O Conselho Federal de Contabilidade possui a Resolução CFC N.º 1.429/13, que trata de assuntos referentes a escrituração contábil das entidades desportivas no Brasil.

Em 2015 foi aprovada a Lei 13.155, que ficou conhecida como a “MP do Futebol”, que criou o Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro – PROFUT. Esta Lei criou normas mais específicas acerca das contas que precisam constar nas demonstrações financeiras dos clubes e, também, sobre outras contas que possam vir a ser exigidas pela norma contábil.

Baseado nos demonstrativos publicados e nos indicadores utilizados, foi elaborado esse trabalho de pesquisa para viabilizar a avaliação da situação financeira dos clubes em questão nos exercícios de 2017, 2018 e 2019.

Os demonstrativos estudados e os elementos citados permitem a realização do seguinte questionamento: **como está a saúde financeira dos clubes envolvidos no estudo? O que os**

indicadores de rentabilidade e de risco podem evidenciar sobre a sustentabilidade econômico-financeira dos clubes em questão?

Através de um estudo de caso envolvendo a evolução dos indicadores de cada clube e elaborando análises detalhadas sobre as situações financeiras das entidades em questão, este trabalho tem como principal objetivo evidenciar os resultados dos anos de 2017, 2018 e 2019 referentes aos demonstrativos financeiros dos seguintes clubes:

- Esporte Clube Bahia
- Esporte Clube Vitória
- Sport Club do Recife
- Santa Cruz Futebol Clube
- Ceará Sporting Club
- Fortaleza Esporte Clube

Esse estudo justifica-se pela necessidade de analisar a saúde financeira dos clubes mais populares do futebol nordestino. Tendo em vista o fato de que o futebol mexe com a paixão de milhões de torcedores, seria desaconselhável um clube cuidar das suas finanças e sua gestão de maneira pouco profissional e competitiva ao ponto de fazer o clube chegar ao ponto de ficar incapacitado de exercer a atividade de futebol ou até mesmo decretar falência, o que seria uma péssima notícia para tantos torcedores apaixonados pelo clube. O estudo objetiva realizar uma análise prática e objetiva dos indicadores de rentabilidade e de risco desses clubes nos exercícios de 2017, 2018 e 2019 para poder descrevê-los.

Os resultados encontrados nos permitem observar um cenário de mudanças para a maioria desses clubes durante os exercícios estudados e permitem que os mesmos possam pensar em construir um futuro eficiente do ponto de vista econômico-financeiro de suas gestões. Entretanto, uma parcela expressiva dos resultados encontrados ainda é considerada indesejável e as melhoras observadas nos resultados de determinados indicadores são incapazes de confirmar que essas entidades se encontram em um caminho sólido de estruturação de suas finanças.

A seguir serão apresentados os referenciais teóricos que serviram como base para a elaboração deste estudo de caso. Determinados trabalhos recentes sobre o assunto foram utilizados como referenciais teóricos para a realização do presente estudo, além do conteúdo técnico referente

ao processo de análise de demonstrações financeiras e elaboração dos indicadores de rentabilidade e risco.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Bonfim e Cole (2019) analisaram o desempenho financeiro dos principais clubes da Região Sudeste entre 2013 e 2017. Os resultados encontrados deixaram evidente o fato de que os clubes enfrentam a necessidade de profissionalizar suas gestões financeiras para conseguir objetivos de aumento de lucratividade e redução dos níveis de endividamento. Todavia, os resultados da análise setorial realizada demonstraram que resultados financeiros instáveis não impediram que determinados clubes obtivessem uma classificação considerada boa no Campeonato Brasileiro. Esse cenário abrange situações de clubes que, para alcançar bons resultados esportivos no curto prazo, gastam seus recursos de maneira insustentável, realizando novas contratações e empréstimos de jogadores.

Fagundes, Santana, Ciupak et al. (2019) fizeram um estudo acerca da situação financeira dos principais clubes de futebol do Brasil sob a ótica da análise de demonstrativos contábeis entre 2009 e 2017. Por meio da análise do endividamento dos clubes envolvidos, observaram que todos encontravam-se em situação complicada. Os resultados dos indicadores de rentabilidade evidenciaram a dificuldade em obter retorno nos investimentos realizados pelas entidades. Os melhores resultados encontrados foram considerados insatisfatórios. Essa situação foi alavancada pelo fato de que os clubes, apesar de possuírem altas movimentações, tiveram custos e despesas expressivamente altos em suas rotinas operacionais. Os autores observaram falta de padronização das demonstrações financeiras divulgadas pelos clubes e, devido aos déficits dos clubes, os indicadores de rentabilidade não foram analisados de maneira produtiva.

Silva e Souza (2018) analisaram o impacto do desempenho desportivo dos clubes de futebol do Brasil em suas demonstrações contábeis através de um estudo de caso sobre a situação econômico-financeira dos dois maiores clubes de futebol do Rio Grande do Sul (Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Sport Club Internacional) entre os anos de 2013 e 2017. Um dos objetivos do trabalho foi analisar os impactos que os acontecimentos ocorridos em 2016 tiveram nas finanças de cada clube. No ano em questão, o Grêmio foi campeão da Copa do Brasil e o Internacional foi rebaixado para a Série B do campeonato nacional. Os resultados encontrados mostraram que o Grêmio conseguiu melhorar os seus índices de rentabilidade em 2017, suas receitas aumentaram em diversos setores de suas atividades. Além disso, o sucesso do clube esportivamente continuou sendo destaque, visto que, no ano seguinte ao título da Copa do Brasil, o clube conquistou a Copa

Libertadores da América, dentre outros títulos. O Internacional passou por momentos complicados sob o ponto de vista econômico-financeiro por conta do seu rebaixamento. Suas receitas diminuíram, assim como seus indicadores de liquidez e de rentabilidade, os índices de endividamento, por sua vez, aumentaram. Os autores do estudo concluíram que um bom desempenho dentro de campo é capaz de aumentar o volume de negócios e investimentos realizados nos clubes. Esse cenário permite melhorar ainda mais os resultados desportivos, assim como a situação financeira dos clubes envolvidos nesse processo.

2.1 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

A missão de fazer a análise de demonstrações financeiras é uma complexa atividade analítica que deve ser feita pelos responsáveis do setor de Finanças das entidades com o intuito de colaborar para o desenvolvimento das mesmas.

Segundo Iudícibus (2017), a análise de balanços, por um lado pode apontar mais problemas do que soluções para uma determinada empresa, mas, por outro lado, desde que bem utilizada, pode transformar-se em um poderoso “painel de controle” da administração.

Conforme Gonçalves (2018), uma forma de projetar o futuro é entender como a empresa tem feito seus negócios no passado. É para esse propósito que as análises de demonstrativos financeiros são realizadas. Deve-se comparar esses demonstrativos ao longo da própria história da entidade e comparar também com o que está acontecendo com as outras entidades do mesmo ramo de atividade.

Ainda segundo Iudícibus (2017), os demonstrativos para análise, principalmente se tratando de análise para avaliação de tendência, devem ser os mais resumidos possíveis. O mais correto é fazer uma primeira análise com grupos de maneira mais resumida e, nas áreas-problema, executar uma análise mais detalhada.

2.2 PROCESSOS DA ANÁLISE DE DEMONSTRATIVOS FINANCEIROS

É necessário ter em mente a extensão do estudo a ser feito para fazer a escolha correta das demonstrações a serem analisadas. Essa é a etapa inicial de todo o processo de análise de demonstrativos financeiros.

A NBC ITG 2003 (R1) dispõe sobre as demonstrações contábeis que precisam ser publicadas de maneira obrigatória pelas entidades desportivas. São elas:

- Balanço Patrimonial (BP)

- Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)
- Demonstração do Resultado Abrangente (DRA)
- Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (DMPL)
- Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC)
- Notas Explicativas

No caso desse estudo em específico, os indicadores utilizados tratarão apenas de informações contidas no Balanço Patrimonial (BP) e Demonstração de Resultado do Exercício (DRE).

Segundo Gonçalves (2018), o Balanço Patrimonial (BP) representa todos os bens e direitos de uma empresa como sendo o seu ativo, todas as obrigações a pagar como o seu passivo. A diferença entre o ativo e o passivo é o patrimônio líquido dos acionistas da empresa. Pelo Balanço Patrimonial, é possível entender como está a posição financeira de uma empresa.

Ainda segundo Gonçalves (2018), é através da Demonstração de Resultados do Exercício (DRE) que se torna possível compreender como uma empresa atribui resultados para os seus acionistas. O resultado para os acionistas é a diferença entre as receitas e os custos e despesas pagos pela empresa ao longo do exercício analisado. Receitas menos custos e despesas resulta no lucro líquido da empresa. Na maioria das empresas, o lucro líquido do período é distribuído aos acionistas em forma de dividendos. Entretanto, em empresas que estão em crescimento, é comum que parte do lucro líquido seja reinvestido em suas operações para potencializar a expansão das mesmas.

2.3 INDICADORES FINANCEIROS

Os indicadores financeiros são quocientes obtidos a partir de relações de variáveis dentro dos demonstrativos financeiros. São utilizados frequentemente com a intenção de mensurar o desempenho e mensurar, também, se os resultados operacionais das empresas são sustentáveis ou não.

Para Iudícibus (2017), a análise de balanços encontra seu ponto mais importante ao calcular e avaliar o significado de quocientes, relacionando principalmente itens e grupos do Balanço e da Demonstração do Resultado do Exercício.

2.3.1 INDICADORES FINANCEIROS DE RENTABILIDADE

Segundo Assis, Martins, Martins et al. (2015), os índices de rentabilidade objetivam demonstrar qual é a rentabilidade dos capitais investidos em determinada organização. Os

indicadores de rentabilidade são utilizados mediante a necessidade de se comprovar que os valores investidos nas entidades estão gerando retorno.

2.3.1.1 MARGEM OPERACIONAL (MO)

O quociente entre o lucro operacional e a receita líquida de uma entidade é chamado de Margem Operacional. Costuma ser utilizada com o fim de determinar o quanto uma empresa consegue obter de Lucro Operacional comparando com a sua Receita Líquida.

$$\text{Margem Operacional} = \text{Lucro Operacional} / \text{Receita Líquida}$$

2.3.1.2 MARGEM LÍQUIDA (ML)

O quociente entre o lucro líquido e a receita líquida de uma entidade é chamado de Margem Bruta. Costuma ser utilizada com o fim de determinar o quanto uma empresa consegue obter de Lucro Líquido comparando com a sua Receita Líquida.

$$\text{Margem Líquida} = \text{Lucro Líquido} / \text{Receita Líquida}$$

2.3.1.3 GIRO DO ATIVO (GA)

O indicador de Giro do Ativo é utilizado para mensurar o quanto a empresa consegue faturar dado um determinado valor total de ativos. Quanto maior esse valor, mais eficiente a entidade se encontra em gerar receitas com o seu ativo.

$$\text{Giro do Ativo} = \text{Receita Líquida} / \text{Ativo Total}$$

2.3.1.4 RETORNO SOBRE O ATIVO (ROA – RETURN ON ASSETS)

O indicador ROA é utilizado para mensurar o lucro líquido de uma entidade em relação ao seu valor total de ativos. Em posse desse indicador, os investidores podem analisar a eficiência da organização em gerar lucro a partir do total de ativos.

$$\text{ROA} = \text{Lucro Líquido (LL)} / \text{Ativo Total}$$

Uma outra forma de calcular o ROA é multiplicando a Margem Líquida da companhia pelo seu Giro do Ativo.

$$\text{ROA} = \text{Margem Líquida (ML)} \times \text{Giro do Ativo (GA)}$$

2.3.1.5 RETORNO SOBRE O CAPITAL PRÓPRIO (ROE – RETURN ON EQUITY)

O indicador ROE é utilizado para analisar o lucro líquido de uma entidade em relação ao seu valor total do Patrimônio Líquido. É um indicador frequentemente utilizado para avaliar o quanto a empresa consegue gerar de retorno para o patrimônio dos seus acionistas.

$$\text{ROE} = \text{Lucro Líquido (LL)} / \text{Patrimônio Líquido (PL)}$$

2.3.2 INDICADORES FINANCEIROS DE RISCO

Segundo Gonçalves (2018), os indicadores financeiros de risco são de fundamental importância para avaliar o nível de risco de um investimento em uma determinada entidade. Considera-se bastante importante que uma empresa tenha geração de caixa suficiente para conseguir pagar e honrar seus compromissos. Portanto, ela terá indicadores que mostrarão a sua solvência, ou seja, o quanto ela consegue ter de recursos para pagar as suas obrigações.

O indicador de Liquidez Seca não será utilizado neste trabalho, pois os clubes de futebol não têm valores de estoques muito expressivos, visto que negociar seus estoques não é uma de suas atividades principais.

2.3.2.1 INDICADORES DE LIQUIDEZ

2.3.2.1.1 LIQUIDEZ CORRENTE (LC)

O indicador de liquidez corrente indica a capacidade da organização de pagar as suas obrigações de curto prazo.

$$\text{Liquidez Corrente} = \text{Ativo Circulante} / \text{Passivo Circulante}$$

2.3.2.1.2 LIQUIDEZ GERAL (LG)

O indicador de liquidez geral indica a capacidade da organização de pagar suas obrigações de curto e longo prazo. Para esse indicador, utiliza-se o ativo total e o passivo circulante somado com o não circulante.

$$\text{Liquidez Geral} = \text{Ativo Total} / (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})$$

2.3.2.1.3 LIQUIDEZ IMEDIATA (LI)

Esse indicador relaciona as disponibilidades das empresas com as dívidas de curto prazo. Com esse indicador podemos analisar a condição da entidade de pagar de maneira imediata todas as suas obrigações de curto prazo.

$$\text{Liquidez Imediata} = \text{Disponibilidades} / \text{Passivo Circulante}$$

2.3.2.2 INDICADORES DE ENVIDIVAMENTO

2.3.2.2.1 ÍNDICE DE ENVIDIVAMENTO GERAL (EG)

Indicador responsável por informar o montante do ativo que foi financiado com recursos de terceiros.

$$\text{EG} = (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não circulante}) / \text{Ativo Total}$$

2.3.2.2.2 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS (PCT)

Indica a proporção de capital de terceiros em relação ao Patrimônio Líquido. Demonstra o quanto a empresa depende de recursos de terceiros para realizar suas atividades.

$$\text{PCT} = (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}) / \text{Patrimônio Líquido}$$

2.3.2.2.3 COMPOSIÇÃO DO ENVIDIVAMENTO (CE)

Indicador responsável por informar o montante das dívidas totais da empresa que deverá ser pago no curto prazo. Demonstra as obrigações a curto prazo em relação às dívidas totais.

$$\text{CE} = \text{Passivo Circulante} / \text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}$$

3. METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente trabalho foi realizado através do método descritivo por meio de estudo de caso acerca dos seis clubes envolvidos na pesquisa. Esse método, aplicado no trabalho em questão,

objetiva descrever e relacionar os dados oriundos das Demonstrações Financeiras dos clubes. Para Gil (2008), o estudo de caso se caracteriza pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa que seria praticamente impossível fazendo uso de outros tipos de delineamentos considerados.

Foram utilizados recursos qualitativos para elaborar as análises e comentários foram realizados referentes aos os dados obtidos através das Demonstrações Financeiras dos clubes em questão. Segundo Gil (2008), os procedimentos analíticos que ocorrem em pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante são, principalmente, de natureza qualitativa.

3.2 SELEÇÃO E ANÁLISE DA AMOSTRA

Tabela 1: Percentual de torcedores na Região Nordeste e Receita Líquida de 2017 a 2019

| Clube | Percentual de torcedores entre o público da Região Nordeste | Receita Líquida (Em Milhares de Reais, excluídos os centavos) | | |
|------------|---|--|---------|---------|
| | | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 4% | 97.083 | 126.911 | 174.352 |
| Vitória | 2% | 82.906 | 82.553 | 52.121 |
| Santa Cruz | 2% | 17.971 | 12.402 | 21.594 |
| Sport | 4% | 98.428 | 99.158 | 37.823 |
| Ceará | 2% | 31.901 | 64.787 | 98.077 |
| Fortaleza | 2% | 23.773 | 48.305 | 108.600 |

Fonte: Pesquisa DataFolha 2019 e Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Neste trabalho, as análises se limitaram aos seis clubes nordestinos com maiores torcidas, segundo pesquisa do Instituto Datafolha publicada em Setembro de 2019, com dados coletados em Agosto de 2019.

A Tabela 1 apresenta os clubes selecionados para o estudo de caso acompanhado da Receita Líquida de cada clube para todos os exercícios analisados. Para fins de melhor compreensão dos dados, foi selecionado para a Tabela 1 o recorte do percentual de torcedores de cada um desses

clubes apenas entre o público da Região Nordeste, que é a região onde esses clubes se localizam. Para os resultados da pesquisa DataFolha abrangendo todo o público do país, todos os clubes em questão aparecem na pesquisa atingindo o valor de 1% dos torcedores brasileiros.

Os comentários e análises foram feitos com base nas Demonstrações Financeiras publicadas pelos clubes em questão em seus respectivos sites ou nos sites de suas respectivas federações estaduais de futebol.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste trecho do estudo serão demonstrados os resultados encontrados através dos indicadores de rentabilidade e risco referentes aos clubes em questão no trabalho. Junto aos indicadores estão as análises feitas a partir dos casos envolvendo todos os clubes em todos os exercícios estudados.

Os indicadores de Margem Operacional e Margem Líquida estarão no mesmo tópico para facilitar a discussão sobre o quanto do Lucro Líquido variou em relação ao Lucro Operacional por conta dos resultados financeiros desses clubes.

4.1 RESULTADOS DOS INDICADORES DE RENTABILIDADE

4.1.1 MARGEM OPERACIONAL E MARGEM LÍQUIDA

Tabela 2: Margem Operacional

| Margem Operacional | | | |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | -2,56% | 15,98% | 11,16% |
| Vitória | -75,49% | -4,78% | -2,47% |
| Santa Cruz | -182,28% | -148,89% | -11,15% |
| Sport | -3,56% | -5,69% | -57,39% |
| Ceará | 11,66% | 6,31% | 7,56% |
| Fortaleza | -3,15% | -1,13% | 4,95% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Tabela 3: Margem Líquida

| Margem Líquida | | | |
|-----------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | -8,95% | 3,53% | 2,23% |
| Vitória | -72,18% | -5,82% | -3,51% |
| Santa Cruz | -182,49% | -151,63% | -11,92% |
| Sport | -18,61% | -14,51% | -59,87% |
| Ceará | 10,01% | 4,65% | 5,88% |
| Fortaleza | -5,02% | -3,11% | 3,17% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

É possível observar na tabela da Margem Operacional que existem diversas ocorrências de resultados negativos para esse indicador. A margem operacional relaciona o lucro operacional com a receita líquida. Portanto, percebemos que houve muitos casos em que os clubes não conseguiram converter sua receita líquida em um resultado operacional positivo.

Analisando o ano de 2017, percebe-se que apenas o Ceará performou de maneira positiva no seu resultado operacional. Todos os outros apresentaram déficit operacional, com destaque negativo para Santa Cruz e Vitória com as margens mais baixas.

No ano de 2018, o Bahia consegue reverter o resultado negativo do ano anterior e se junta ao Ceará. São os únicos clubes que tiveram resultados operacionais positivos. O Vitória permanece com resultado negativo para o indicador, porém, mais próximo de uma realidade positiva. O Santa Cruz, por sua vez, continua com um alarmante déficit operacional, sua margem continua sendo o destaque negativo nos resultados desse indicador em 2018.

O ano de 2019 confirma uma tendência de melhora nos resultados operacionais dos clubes. O Fortaleza se junta ao Bahia e ao Ceará e passa a integrar o grupo dos clubes que apresentaram resultados positivos. O Santa Cruz saiu de um resultado muito desfavorável no ano anterior e agora passa a ficar perto de apresentar um resultado positivo. O Sport, que já vinha com resultados operacionais de déficit em 2017 e 2018, no ano de 2019 teve uma expressiva piora em seu resultado e sua margem operacional reduziu em quase 50%. Vitória, Sport e Santa Cruz tiveram margens operacionais negativas nos três exercícios analisados.

A análise da margem líquida nos permite observar quais clubes tiveram seus resultados líquidos expressivamente afetados pelos seus resultados financeiros, visto que a diferença entre a margem operacional e a margem líquida é que a margem líquida é encontrada ao dividir o lucro resultante depois do resultado financeiro pela receita líquida.

Comparando-se as margens operacionais com as margens líquidas do Bahia durante os três anos analisados, é possível perceber que o clube conseguiu evoluir e melhorar seu resultado operacional, mas tem o seu resultado líquido muito inferior por conta do seu resultado não operacional. O Bahia teve resultado financeiro bastante negativo e além disso, fora do resultado operacional, o clube publicou a existência de outras despesas, que consistem em processos trabalhistas e cíveis contra o clube. Por esses motivos, as margens líquidas do clube ficaram muito abaixo das margens operacionais.

O Sport teve em 2017 e 2018 resultados financeiros que fizeram suas margens líquidas ficarem expressivamente menores que as margens operacionais, que já demonstravam um cenário

de déficit operacional no clube. Em 2019 o resultado financeiro do clube ainda foi negativo, mas proporcionalmente menor do que nos dois anos anteriores.

O único caso de resultado financeiro positivo fazendo a margem líquida ficar superior a margem operacional ocorreu com o Vitória em 2017. Nos demais casos não comentados, os clubes tiveram margens líquidas ligeiramente inferiores às margens operacionais por conta de resultados financeiros negativos.

Uma análise geral demonstra que, com exceção do Vitória especificamente no ano de 2017, todos os clubes vêm enfrentando esse cenário de resultados financeiros negativos de maneira recorrente, o que justifica essa incidência de casos de margens líquidas consideravelmente menores do que as margens operacionais.

4.1.2 GIRO DO ATIVO

Tabela 4: Giro do Ativo

| Giro do Ativo | | | |
|----------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 1,114 | 1,366 | 1,358 |
| Vitória | 2,100 | 2,701 | 1,736 |
| Santa Cruz | 0,069 | 0,049 | 0,086 |
| Sport | 0,423 | 0,464 | 0,206 |
| Ceará | 4,005 | 4,685 | 4,193 |
| Fortaleza | 2,492 | 3,264 | 3,695 |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

A análise do Giro do Ativo nos permite observar a capacidade dos clubes em gerar receitas a partir do seu ativo, dividindo-se a receita líquida pelo valor total do ativo. Quanto maior esse indicador, maior a capacidade do clube em gerar receitas dado um valor de ativo.

O Ceará se destaca de maneira absoluta nesse indicador. Durante os três exercícios analisados conseguiu gerar uma receita quatro vezes maior que o seu valor total do ativo, o que

demonstra que tem sido bastante eficiente na captação de receitas com o investimento feito no clube.

Fortaleza e Vitória também performaram de maneira satisfatória nesse indicador, sustentando-se em boa parte dos exercícios com o valor acima de 2, com exceção para o Vitória, em 2019, que ficou com o valor de Giro do Ativo ligeiramente abaixo desse valor. Já o Fortaleza em 2018 e 2019 conseguiu ficar em patamares de Giro do Ativo acima de 3. O Bahia por sua vez conseguiu ter uma performance que variou entre 1 e 1,5 nos três anos estudados, o que ainda é um bom valor para esse indicador.

Sport e Santa Cruz ficaram com o indicador abaixo de 1 durante os exercícios estudados. O Sport performou próximo da faixa de 0,5 nos dois primeiros anos e perto de 0,2 em 2019. Já o Santa Cruz demonstrou uma preocupante incapacidade de gerar receitas dado o seu valor de ativo. Em nenhum dos exercícios analisados conseguiu ter um valor de receita líquida que chegasse a valer ao menos 10% do seu ativo.

De maneira geral, a maioria dos clubes teve boa performance nesse indicador. Quatro clubes tiveram resultados anuais de Giro do Ativo acima de 1,0 em todos os exercícios analisados. O Sport não chegou a alcançar esse valor, mas ainda teve um desempenho razoavelmente satisfatório ao longo do período estudado e apenas o Santa Cruz apresentou resultados preocupantes de captação de receitas dado um valor de ativo.

4.1.3 RETORNO SOBRE O ATIVO (ROA – RETURN ON ASSETS)

Tabela 5: Retorno sobre o Ativo (ROA – Return on Assets)

| ROA | | | |
|--------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | -9,97% | 4,82% | 3,02% |
| Vitória | -151,56% | -15,72% | -6,10% |
| Santa Cruz | -12,62% | -7,37% | -1,02% |
| Sport | -7,87% | -6,73% | -12,34% |
| Ceará | 40,09% | 21,79% | 24,67% |
| Fortaleza | -12,50% | -10,16% | 11,72% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

O indicador de retorno sobre ativos (ROA) nos permite ver o quanto a empresa gerou de lucros dado o seu valor total de ativos. Importante indicador para tomada de decisão, pois demonstra a capacidade da entidade de converter em lucro todo o investimento feito por meio de capital próprio e capital de terceiros nos seus ativos. Quanto maior o valor do ROA, maior a capacidade da entidade em gerar lucros dado o valor do seu ativo total.

Observando a tabela, é perceptível notar que a maioria dos resultados estudados foram negativos pelo fato dos clubes apresentarem déficit nesses períodos, o que deixa a análise do ROA bastante prejudicada, visto que, tratando-se um indicador que mede o retorno de um investimento feito nos ativos, não há muito o que se comentar quando esse retorno não acontece de maneira positiva e a entidade gera prejuízo.

O Ceará, por sua vez, apresentou superávit nos três exercícios estudados e, portanto, ROA positivo. Entretanto, em 2018 o ROA do clube caiu para quase a metade do valor de 2017, o que deveria ligar o sinal amarelo na gestão do clube. Em 2019 o valor desse indicador teve ligeira alta, o que pode representar um novo caminho de melhora para o clube, caso a tendência de alta se confirme nos exercícios seguintes. Bahia e Fortaleza saíram de um cenário de déficit para superávit

nos exercícios estudados. O Fortaleza conseguiu ter superávit e gerar retorno apenas em 2019, enquanto o Bahia conseguiu em 2018 e 2019, mas com uma discreta variação negativa.

Os demais clubes apresentaram déficit em todos os anos, o que inviabiliza fazer comentários mais aprofundados sobre um indicador utilizado para analisar os retornos sobre o valor do ativo.

4.1.4 RETORNO SOBRE O CAPITAL PRÓPRIO (ROE – RETURN ON EQUITY)

Tabela 6: Retorno sobre o Capital Próprio (ROE – Return on Equity)

| ROE | | | |
|--------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 8,05% | -3,17% | -2,82% |
| Vitória | 55,54% | 4,27% | 1,60% |
| Santa Cruz | -31,42% | -22,95% | -3,25% |
| Sport | -37,18% | -70,45% | 379,46% |
| Ceará | -146,48% | 369,40% | 87,61% |
| Fortaleza | 7,44% | 8,57% | -24,44% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Indicador utilizado para medir o retorno obtido sobre o capital próprio das entidades, o ROE também é importante na tomada de decisão de diversas empresas e demais organizações. Quanto maior o ROE, maior o retorno sobre o capital próprio, visto que obtém-se o ROE dividindo o lucro líquido pelo patrimônio líquido.

O cenário encontrado ao analisar esses clubes demonstra que a grande maioria deles apresentou Patrimônio Líquido negativo, também chamado de Passivo a Descoberto. Isso acontece devido ao acúmulo de resultados negativos que acabam por consumir totalmente o Patrimônio Líquido da entidade. Nesses casos, em específico, não existe mais o fator de rentabilidade ou retorno para o capital próprio, pois nesse momento as atividades da entidade estão sendo financiadas por capital de terceiros.

Como a maioria dos clubes estudados apresentaram PL negativo e também apresentam déficit, a conta de divisão do Lucro Líquido pelo PL acaba ocorrendo com dois valores negativos, o que gera um valor positivo. Mas ainda que o resultado de ROE gerado seja positivo, não cabe fazer qualquer tipo de análise e comentários, pois, definitivamente, não seriam comentários sobre qualquer tipo de retorno sobre o PL visto que o ROE é um indicador utilizado para medir exatamente a rentabilidade do capital próprio.

Bahia, Vitória e Fortaleza apresentaram PL negativo de 2017 a 2019. Sport e Santa Cruz apresentaram PL positivo em, pelo menos, dois dos três anos estudados, mas como tiveram prejuízos em todos os períodos estudados, também ficaram sem qualquer tipo de retorno sobre o capital próprio.

O Ceará teve lucro em todos os anos estudados e PL positivo em 2018 e 2019, o que nos permite analisar seu ROE nesses últimos dois anos. O clube teve em 2018, assim como em 2017, um pouco mais de R\$ 3 milhões de receitas líquidas e passou a apresentar um PL positivo de pouco mais de R\$ 800 mil, o que gerou um ROE expressivamente alto. Em 2019 o clube chegou perto de dobrar a sua receita comparando com o ano anterior enquanto o seu PL subiu da faixa de R\$ 800 mil para R\$ 6,5 milhões de reais. Com isso, o clube obteve um ROE próximo de 90%, o que é muito menor do que o valor do ano anterior, mas ainda é um valor bastante satisfatório.

De maneira geral, não existem maiores análises a serem feitas acerca do retorno sobre o capital próprio quanto aos clubes estudados. O debate sobre o assunto fica bastante prejudicado quando as entidades apresentam PL negativo ou quando não conseguem gerar lucros, o que é a realidade para a grande maioria desses clubes.

4.2 RESULTADOS DOS INDICADORES DE RISCO

4.2.1 RESULTADOS DOS INDICADORES DE LIQUIDEZ

4.2.1.1. LIQUIDEZ CORRENTE

Tabela 7: Liquidez Corrente

| Liquidez Corrente | | | |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 0,492 | 0,530 | 0,464 |
| Vitória | 0,239 | 0,063 | 0,108 |
| Santa Cruz | 0,006 | 0,039 | 0,084 |
| Sport | 0,203 | 0,097 | 0,037 |
| Ceará | 0,221 | 0,107 | 0,405 |
| Fortaleza | 0,192 | 0,350 | 0,595 |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Esse indicador é importante para mostrar a capacidade das entidades de pagar as suas obrigações de curto prazo. Obtém-se o valor de Liquidez Corrente fazendo a divisão do Ativo Circulante pelo Passivo Circulante. Quanto maior o valor encontrado, mais saudável está a empresa sob o ponto de vista da capacidade de cumprir com suas obrigações de curto prazo. O valor de 1,00 é considerado o mínimo satisfatório para esse índice, visto que mostraria que a entidade tem um valor de ativo circulante capaz de cobrir todas as obrigações de curto prazo no passivo circulante.

Analisando os resultados demonstrados, percebe-se de maneira imediata que nenhum clube em nenhum exercício conseguiu chegar perto desse resultado satisfatório (1,00). É possível perceber que o Bahia conseguiu manter uma liquidez corrente de aproximadamente 0,5 durante todo o período analisado. Não chega a ser um valor satisfatório, mas foi o clube com melhor resultado quanto a esse indicador. Ceará e Fortaleza tiveram seus maiores valores de liquidez corrente no ano de 2019. O Ceará apresentou uma oscilação negativa nesse índice de 2017 para 2018 e depois se recuperou em 2019. Já o Fortaleza apresentou uma evolução gradual durante esses três anos,

chegando em 2019 ao maior valor de liquidez corrente apresentado na tabela que foi aproximadamente 0,6.

Os demais clubes enfrentam situações ainda mais problemáticas quanto a essa capacidade de pagamento de suas obrigações de curto prazo. Vitória e Sport tinham liquidez corrente de cerca de 0,2 em 2017 e em 2019 os valores são expressivamente menores. O Santa Cruz, por sua vez, teve em 2017 o seu pior ano de liquidez corrente e vem melhorando seu desempenho no indicador. Em 2019, o valor encontrado para o indicador foi maior que o dobro do valor de 2018. Entretanto, ainda é um valor extremamente preocupante, pois indica que o clube tem condições de cumprir com menos de 10% de suas obrigações de curto prazo.

De maneira geral, os resultados encontrados para esse indicador são bastante insatisfatórios. Todos os clubes estudados precisam evoluir nesse sentido, principalmente Vitória, Santa Cruz e Sport.

4.2.1.2 LIQUIDEZ GERAL

Tabela 8: Liquidez Geral

| Liquidez Geral | | | |
|-----------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 0,447 | 0,396 | 0,482 |
| Vitória | 0,268 | 0,214 | 0,208 |
| Santa Cruz | 1,671 | 1,473 | 1,459 |
| Sport | 1,268 | 1,106 | 0,969 |
| Ceará | 0,785 | 1,063 | 1,392 |
| Fortaleza | 0,373 | 0,458 | 0,676 |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Esse indicador demonstra a situação financeira das entidades para cumprir com todas as suas obrigações (de curto e longo prazo). É importante na tomada de decisão pois indica se as

organizações estão em condições de cumprir com todas as suas obrigações. Obtém-se a Liquidez Geral dividindo o Ativo pela soma do Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante da entidade. Se o valor encontrado for maior que 1, entende-se que a entidade está em condições de cumprir com as suas obrigações. O quociente 1,00 é considerado o valor minimamente satisfatório para esse indicador.

Analisando os resultados encontrados, observa-se que apenas o Santa Cruz alcançou valores acima de 1,00 nos exercícios estudados, ficando na faixa de 1,5 em todos os anos. O Sport teve a sua liquidez geral reduzindo cada vez mais entre os anos analisados. É o momento da administração do clube atentar para a situação financeira para que essa redução constante que acontece desde 2017 não venha a se agravar. O Ceará vem apresentando sensível melhora no seu índice de liquidez geral. É importante que o clube continue nesse mesmo caminho para tentar melhorar ainda mais nesse aspecto. O Fortaleza vem apresentando expressiva melhora ano a ano. Ainda não está próximo do valor minimamente satisfatório (1,00), entretanto, se o clube continuar elevando sua liquidez mantendo essas mesmas taxas de crescimento, chegará a ultrapassar esse valor nos próximos anos.

Bahia e Vitória não apresentaram evolução expressiva entre os anos apresentados. O Bahia ficou na faixa de 0,4 em todos os exercícios analisados e o Vitória na faixa de 0,2 de liquidez geral. Os dois clubes encontram-se em situações delicadas quanto aos resultados para esse indicador. O Vitória vivenciou ligeiras quedas entre os exercícios apresentados e é o clube com pior índice de liquidez geral.

De modo geral, os clubes apresentaram índices de liquidez geral mais positivos do que os índices de liquidez corrente. Muito se deve ao fato desses clubes terem a maior parte do seu ativo em Imobilizado e Intangível. Mas, ainda assim, alguns clubes ainda precisam buscar evoluir em seus resultados para o indicador de Liquidez Geral.

4.2.1.3 LIQUIDEZ IMEDIATA

Tabela 9: Liquidez Imediata

| Liquidez Imediata | | | |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 0,031 | 0,042 | 0,035 |
| Vitória | 0,043 | 0,000 | 0,001 |
| Santa Cruz | 0,004 | 0,011 | 0,021 |
| Sport | 0,006 | 0,003 | 0,003 |
| Ceará | 0,028 | 0,043 | 0,338 |
| Fortaleza | 0,031 | 0,033 | 0,030 |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

Esse indicador é responsável por mostrar a capacidade que uma entidade possui de cumprir com suas obrigações de curto prazo, no presente momento, considerando o valor que possui de disponibilidades. Para chegar ao valor desse indicador, divide-se o valor de Caixa e Equivalentes de Caixa que uma entidade possui pelo valor de seu Passivo Circulante.

Com exceção do resultado alcançado pelo Ceará em 2019, todos os outros resultados encontrados na tabela ficaram abaixo de 5% (0,05). É um resultado extremamente preocupante, pois demonstra que os clubes estão em situações críticas de saldos de Disponibilidades para cumprir de maneira imediata com suas obrigações de curto prazo.

O caso do Vitória merece destaque. Em 2017 ficou com o índice próximo de 4%. Em 2018 esse índice chegou a menos de 0,01% e em 2019 alcançou 0,01%. É o clube em situação mais delicada. São números bastante alarmantes e a gestão do clube precisa trabalhar com o intuito de melhorar de maneira expressiva a situação do clube nesse aspecto.

O Ceará, em 2019, apresentou um resultado muito melhor do que a média dos outros resultados encontrados. É necessário que se sustente e procure, inclusive, melhorar para os exercícios seguintes.

De maneira geral, os clubes apresentaram resultados críticos e alarmantes em seus índices de Liquidez Imediata de 2017 até 2019. É o momento das administrações desses clubes se atentarem para as consequências de ter um saldo de Disponibilidades tão baixo quando comparado com seu Passivo Circulante e procurar uma melhora para os próximos exercícios.

4.2.2 RESULTADOS DOS INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

4.2.2.1 ENDIVIDAMENTO GERAL

Tabela 10: Endividamento Geral

| Endividamento Geral | | | |
|----------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 223,93% | 252,36% | 207,26% |
| Vitória | 372,87% | 468,31% | 481,07% |
| Santa Cruz | 59,84% | 67,88% | 68,52% |
| Sport | 78,84% | 90,45% | 103,25% |
| Ceará | 127,37% | 94,10% | 71,85% |
| Fortaleza | 268,06% | 218,51% | 147,95% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

O indicador de Endividamento Geral apresenta o percentual do Ativo Total que é financiado por obrigações de curto e longo prazo com terceiros. Chegamos ao resultado desse índice dividindo a soma do Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante pelo Ativo Total da entidade. O resultado acima de 100% demonstra que o total das obrigações com terceiros é maior que o Ativo Total da entidade, o que representa um cenário alarmante para a entidade.

O clube com pior desempenho no indicador foi o Vitória, fechando o ano de 2019 com o seu valor de dívidas com terceiros quase cinco vezes maior que o seu total de ativos. O Fortaleza apresentou uma redução consistente em seu índice de endividamento geral ao longo dos exercícios analisados. Ainda está longe de ser um valor confortável para o clube, mas se essa evolução continuar ocorrendo com as mesmas taxas, o clube poderá vivenciar períodos mais saudáveis do

ponto de vista econômico-financeiro nos próximos anos. O Ceará, assim como o rival Fortaleza, também apresentou uma redução consistente em seu endividamento, chegando ao final de 2019 com essa taxa na faixa de 70%. O Bahia oscilou entre 200% e 250% para os resultados desse indicador durante os exercícios analisados. Terminou o exercício de 2019 tendo o segundo pior resultado nesse índice.

Os índices de Endividamento Geral de Santa Cruz e Sport aumentaram durante o período estudado. A situação do Santa Cruz, apesar desse aumento, ainda é a mais confortável entre os clubes estudados. Terminou 2019 com o índice próximo de 70%. Já o Sport teve, em 2019, o índice 25% maior do que em 2017, encerrando com o valor pouco acima de 100%. Situação preocupante, pois agora o clube trabalha com um cenário em que o seu Ativo Total é ligeiramente inferior às suas dívidas com terceiros.

4.2.2.2 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS

Tabela 11: Participação de Capitais de Terceiros

| Participação de Capitais de Terceiros | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | -180,69% | -165,63% | -193,24% |
| Vitória | -136,65% | -127,15% | -126,24% |
| Santa Cruz | 149,00% | 211,29% | 217,65% |
| Sport | 372,61% | 947,53% | -3176,19% |
| Ceará | -465,35% | 1595,14% | 255,20% |
| Fortaleza | -159,50% | -184,38% | -308,57% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

O indicador de Participação de Capitais de Terceiros demonstra o quanto uma entidade possui de dívidas com terceiros em relação ao seu capital próprio. O resultado para esse indicador é

obtido somando o Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante e dividindo pelo Patrimônio Líquido.

É possível observar diversos resultados negativos encontrados na tabela, o que demonstra que a maioria dos clubes está com o seu Patrimônio Líquido negativo (Passivo a Descoberto), demonstrando que o valor total do Ativo desses clubes não é capaz de cobrir o total de dívidas, deixando claro que esses clubes encontram-se em situações financeiras que necessitam de atenção por parte das administrações dos clubes.

O Santa Cruz foi o único clube que conseguiu manter o seu PL positivo ao longo de todos os períodos analisados. Entretanto, a situação ainda é bastante delicada. O seu valor de participação de capitais de terceiros está em uma preocupante alta desde o primeiro ano estudado. O Sport já apresentava um resultado desfavorável em 2017. Em 2018 esse valor chegou perto de triplicar e em 2019 o PL passou a ficar negativo e o índice apresentou resultado negativo. O Ceará, por sua vez, estava com PL negativo em 2017. Já em 2018 e 2019 conseguiu reverter a situação, mas ainda com altíssimas participações de capitais de terceiros tanto em 2018 quanto em 2019.

Os demais clubes apresentaram PL negativo em todos os exercícios analisados, o que demonstra que as obrigações com terceiros são maiores que o valor dos ativos totais desses clubes.

4.2.2.3 COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO

Tabela 12: Composição do Endividamento

| Composição do Endividamento | | | |
|------------------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Clube | 2017 | 2018 | 2019 |
| Bahia | 23,52% | 21,89% | 30,17% |
| Vitória | 17,27% | 28,58% | 31,01% |
| Santa Cruz | 15,56% | 18,25% | 18,10% |
| Sport | 37,69% | 71,39% | 79,51% |
| Ceará | 24,46% | 30,16% | 36,31% |
| Fortaleza | 43,54% | 60,34% | 66,85% |

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Clubes (Preparado pelo Autor)

O indicador de Composição do Endividamento demonstra a porcentagem de obrigações de curto prazo das entidades em relação ao total de suas obrigações. O resultado desse indicador é encontrado dividindo-se o Passivo Circulante pela soma do Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante.

A análise dos resultados mostra que, com exceção, de Fortaleza e Sport, os demais clubes possuem em curto prazo a menor parte de suas obrigações. O Sport merece uma observação especial, pois em 2017 o seu resultado de composição do endividamento estava na faixa de 40% e em 2019 esse valor mais do que dobrou, chegando perto de 80%, mostrando que as obrigações de curto prazo no momento são uma parte bastante expressiva do total de suas obrigações. O Fortaleza também teve o seu resultado para esse índice aumentando expressivamente durante o período estudado. O valor do indicador em 2019 foi aproximadamente 25% maior do que o encontrado em 2017.

Bahia, Vitória e Ceará estavam na faixa de 20% nos resultados desse índice em 2017 e em 2019 subiram para a faixa de 30%, com destaque para o Ceará, que ficou com o indicador acima de 35% em 2019. O Santa Cruz foi o clube que apresentou o melhor resultado para esse indicador,

visto que durante os anos estudados esse quociente variou entre 15% e 18%, demonstrando que uma pequena parte do total de suas obrigações com terceiros se trata de obrigações de curto prazo.

De um modo geral, a maioria dos clubes apresentou resultados razoavelmente satisfatórios para esse indicador. Apenas Sport e Fortaleza terminaram o ano de 2019 com as suas obrigações de curto prazo compondo a maior parte de suas obrigações totais com terceiros.

5. CONCLUSÃO

Este estudo de caso objetivou demonstrar através de análises dos indicadores de rentabilidade e risco como se encontra a saúde econômico-financeira dos seis clubes mais populares do Nordeste do Brasil. Foram utilizadas as demonstrações financeiras publicadas pelas entidades envolvidas e, fazendo uso dos dados presentes nesses demonstrativos, foram atingidos diversos resultados que demonstram que os clubes se encontram em situações financeiras distintas. Baseado nos valores encontrados, é possível perceber que, apesar de determinados resultados demonstrarem que os clubes compartilham das mesmas dificuldades em certos aspectos de suas gestões financeiras, cada clube enfrenta seus desafios individuais na construção de uma saúde financeira adequada para os próximos anos.

Analisando os resultados obtidos através dos indicadores utilizados, percebe-se que os clubes estão em uma tendência de evolução em busca de resultados melhores, mas ainda encontram-se muito longe de apresentarem um panorama favorável do ponto de vista da gestão financeira.

Ao longo dos períodos analisados, foi possível observar que clubes deficitários começaram a vivenciar exercícios com superávit operacional e superávit líquido. O desafio principal a partir de agora será fazer o superávit passar a ser uma realidade para esses clubes, além de trabalhar no sentido de captar mais receitas e reduzir custos e despesas para aumentar as margens operacionais. Evidentemente, será necessário otimizar os resultados financeiros para que os clubes possam alcançar maiores margens líquidas.

Ao analisar o Giro do Ativo, foi possível perceber que a maioria dos clubes foi capaz de gerar uma receita bastante expressiva dado um valor de ativo total. Clubes como Sport e Santa Cruz apresentaram resultados abaixo da média nesse aspecto. Os demais tiveram resultados satisfatórios e tiveram evolução, demonstrando uma capacidade maior de gerar receitas dado um valor investido no clube. O Ceará se destacou nesse indicador, apresentando uma razão acima de 4,00 em todos os exercícios estudados.

As análises do ROA e ROE ficaram comprometidas, pois a grande maioria dos clubes apresentou déficit em boa parte dos períodos estudados. Além disso, ainda houve o agravante de que boa parte dos clubes teve PL negativo (Passivo a Descoberto) nos exercícios de 2017 a 2019, comprometendo ainda mais a análise do ROE. Não há muito o que se falar em indicadores que medem o retorno sobre ativos e sobre o capital próprio em cenários em que o retorno foi negativo. O Ceará foi o único clube que apresentou lucro líquido nos três exercícios analisados e mesmo assim demonstrou resultados com tendência de queda no ROA. Entretanto, nos casos dos demais clubes, ainda que o ROA tenha sido em grande parte negativo, foi possível observar uma tendência de melhora nesse indicador, com alguns clubes chegando perto de trabalhar com um ROA positivo. Espera-se que essa tendência de melhora nos resultados desse indicador se confirme nos próximos exercícios.

Os resultados do indicador de Liquidez Corrente foram considerados extremamente alarmantes. O cenário dos clubes para fins de cumprimento de suas obrigações de curto prazo é bastante problemático. A maioria dos clubes concentra a grande parte do seu ativo total como Ativo Não Circulante, principalmente em Imobilizado e Intangível. O Ativo Circulante da maioria dos clubes é insuficiente para cumprir com todas as suas obrigações de curto prazo. Apesar de quase todos os clubes terem apresentado alguma melhora ao comparar os resultados de 2019 com os resultados de 2017, nenhum clube em nenhum exercício analisado conseguiu ao menos chegar perto do quociente minimamente satisfatório (1,00), que indicaria que o clube tem um valor de ativo circulante capaz de cobrir todas as suas obrigações de curto prazo.

Por outro lado, os resultados para o indicador de Liquidez Geral foram melhores. Alguns clubes conseguiram atingir até mais do que o quociente 1,00 durante os exercícios analisados. Uma parte considerável dos clubes apresentou melhora gradual ao longo dos anos, mas esses clubes ainda não conseguiram encerrar 2019 com o quociente acima do valor minimamente satisfatório (1,00), o que indica que o total de ativos desses clubes é incapaz de cobrir todas as suas dívidas. Essa disparidade entre os resultados de Liquidez Corrente e Liquidez Geral evidencia o desequilíbrio dos clubes entre seus totais de Ativo Circulante e Ativo Não Circulante.

O indicador de liquidez que mais deveria preocupar os administradores dos clubes é o indicador de Liquidez Imediata. Todos os clubes apresentaram resultados péssimos para esse indicador na grande maioria dos exercícios analisados. Todos os clubes ficaram com resultados abaixo de 5% em todos os exercícios analisados. Esses resultados evidenciam que a situação de Disponibilidades desses clubes para cumprimento de suas obrigações de curto prazo é preocupante para a manutenção de suas atividades.

Através do indicador de Endividamento Geral foi possível perceber que durante os exercícios analisados, uma boa parte dos clubes chegou a ter o seu valor de dívidas mais de duas vezes maior que o seu total de ativos. O Vitória, por exemplo, chegou a crítica marca de ter um valor de dívidas quase cinco vezes maior que o seu valor total de ativos em 2018 e 2019. Foi possível notar uma evolução positiva do quadro para determinados clubes, mas essa situação das dívidas ainda promete ser um grande desafio para esses clubes sonharem com dias melhores em suas atividades.

A análise do índice de Participação de Capitais de Terceiros apresentou diversos quocientes negativos, pois muitos clubes apresentaram PL negativo em, pelo menos, um dos exercícios analisados. Ou seja, o financiamento oriundo de capital de terceiros como fonte principal das atividades dos clubes é uma realidade para a maioria dos que foram analisados nesse estudo. Apenas o Santa Cruz apresentou PL positivo em todos os períodos analisados. Entretanto, o quociente desse indicador está em nítida tendência de alta, o que mostra que o clube está sendo financiado cada vez mais com capitais de terceiros. Esse cenário envolvendo todos esses clubes pode acarretar em péssimos resultados financeiros, visto que é bem provável que, por conta desse alto valor de dívidas, o clube passe a pagar um valor maior de juros e, como resultado disso tudo, as margens líquidas tendem a ser cada vez menores.

Pela análise do indicador de Composição do Endividamento, foi possível notar que a maior parte das dívidas dos clubes, na maioria dos casos, são dívidas de longo prazo, o que pode ser um ponto positivo para as administrações desses clubes. Ainda que os clubes estejam com dívidas de valores expressivamente altos, esse cenário de dívidas de curto prazo serem menores que as dívidas de longo prazo representa uma virtude do modelo de gestão dos clubes em não deixar que as dívidas de curto prazo passem a compor um percentual maior dos seus totais de dívidas com terceiros.

As análises de todos esses indicadores demonstra que os clubes em questão ainda possuem um longo desafio pela frente para equalizar e equilibrar suas finanças. É mais do que normal uma entidade se alavancar financiando boa parte de suas atividades com capitais de terceiros, mas os clubes em questão apresentaram uma quantidade de dívidas com terceiros. Em muitos casos, superior ao total de seu ativo, o que mostra que o cenário é preocupante. Como as dívidas são de montantes altos, se faz necessário que as gestões dos clubes trabalhem no sentido de tentar negociar taxas de juros menores para otimizar seus resultados financeiros. Muitos clubes sequer conseguiram apresentar superávit operacional, evidenciando que é necessário adotar a mentalidade de expandir as receitas e cortar custos e despesas para que se possa fazer uma análise mais apurada sobre o ROA e ROE. Destaca-se também o fato de que os clubes precisam observar o equilíbrio entre seus

ativos circulantes e não circulantes. Em muitos casos, os clubes apresentaram problemas em cenários de necessidade de cumprimento de suas obrigações de curto prazo.

Recomenda-se, para futuros estudos, que observem se os clubes saíram da situação de PL negativo (Passivo a Descoberto) e passaram a apresentar superávit de maneira constante para, desta maneira, as análises de ROA, ROE e PCT ficarem mais eficientes. É válido observar, também, como os resultados dos clubes serão afetados por todas as mudanças ocorridas por conta da pandemia do Coronavírus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, MARTINS, MARTINS et al. **Índices de Rentabilidade: um estudo de caso sobre o mercado de transporte de cargas em Campo Belo-MG.** Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/30724346.pdf>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

BONFIM, Mariana Pereira; COLE, Nicolas Rodrigues. **Desempenho Econômico-Financeiro e Clubes de Futebol - Uma Análise nas Agremiações da Região Sudeste.** Disponível em: <<http://revistagestaodoesporte.com.br/local/revista/artigos/V4N1/4-Desempenho%20Econ%20C3%B4mico-Financeiro%20e%20Clubes%20de%20Futebol%20-%20Uma%20An%20l%20lise%20nas%20Agremia%20es%20da%20Regi%20%C3%A3o%20Sudeste.pdf>> Acesso em: 17 de Outubro de 2020.

BRASIL. **Lei 13.155, de 4 de Agosto de 2015.** Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13155-4-agosto-2015-781342-publicacaooriginal-147739-pl.html>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

CEARÁ SPORTING CLUB. **Prestação de Contas.** Disponível em: <<https://www.cearasc.com//noticia/transparencia-alvinegra-conselho-deliberativo-2018>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

CEARÁ SPORTING CLUB. **Prestação de Contas.** Disponível em: <<https://www.cearasc.com//noticia/conselho-deliberativo-prestacao-de-contas-2017>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

CFC, Resolução CFC nº 1.005, de 17 de Setembro de 2004. **Aprova a NBC T 10.13 – Dos Aspectos Contábeis Específicos em Entidades Desportivas Profissionais.** Disponível em: <https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/RES_1005.pdf> Acesso em: 24 Agosto de 2020.

CFC. Normas Brasileiras de Contabilidade. **ITG 2003 – Entidade Desportiva Profissional.** Disponível em: <https://cfc.org.br/wp-content/uploads/2016/02/ITG_2003_audiencia.pdf> Acesso em: 24 Agosto de 2020.

ESPORTE CLUBE BAHIA. **Transparência.** Disponível em: <<https://www.esportclubebahia.com.br/o-clube/transparencia/>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

ESPORTE CLUBE VITÓRIA. **Demonstrações Financeiras.** Disponível em: <<https://ecvitoria.com.br/demonstracoes-financeiras/>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

FAGUNDES, SANTANA, CIUPAK et al. **Situação financeira dos principais times do futebol brasileiro, sob a ótica da análise das demonstrações contábeis.** Disponível em: <http://www.crcrs.org.br/convencao/trabalhos/2_901_situa%C3%A7%C3%A3o_financeira_times_futebol.pdf> Acesso em: 17 de Outubro de 2020.

FEDERAÇÃO CEARENSE DE FUTEBOL. **Normas e Regulamentos.** Disponível em: <<http://www.futebolcearense.com.br/2011/regulamentos.asp>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE FUTEBOL. **Balço Financeiro Clubes.** Disponível em: <<http://fpf-pe.com.br/pt/conteudo/?p=3&s=&sc=11&q=54>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

FORTALEZA ESPORTE CLUBE. **Relatórios.** Disponível em: <<https://www.leaotransparente.com.br/documentos>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ª Edição.** Editora Atlas. 2008.

GONÇALVES, Adalto Barbaceia. **Administração Financeira – INSPER.** Coursera. Disponível em: <<https://pt.coursera.org/learn/administracao-financeira>> Acesso em: 21 Agosto de 2020.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Time de preferência.** Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/17/77975ecbd43522f8fe59b29b8f93d09atdp.pdf>> Acesso em: 24 Agosto de 2020.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços 11ª Edição.** Editora Atlas. 2017.

SILVA, Pâmela Moreira da; SOUZA, Ângela Rozane Leal de. **IMPACTO DO DESEMPENHO DESPORTIVO DOS CLUBES DE FUTEBOL BRASILEIROS NAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E O SPORT CLUB INTERNACIONAL.** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187515/001084508.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 18 de Outubro de 2020.

SPORT CLUB DO RECIFE. **Transparência Rubro-Negra.** Disponível em: <<https://sportrecife.com.br/clube-transparencia/>> Acesso em: 23 Agosto de 2020.